

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*: breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

Las Cruzadas alfonsías *ad partes africanas*: breves apuntes acerca de las operaciones militares cruzadas emprendidas por el monarca castellano-leonés Alfonso X (1252-1284) hacia el norte de África

Rafael Costa Prata¹

Resumo: Alfonso X, Rei de Castela-Leão (1252-1284), fora um dos monarcas mais paradigmáticos do Ocidente Medieval durante o século XIII. Caracterizado a partir do epíteto o *Sábio* por seus contemporâneos, por conta de sua vastíssima produção cultural, a qual resultou em uma gama de obras de natureza jurídica, histórica, científica, poética, artística e literária, este monarca castelhano-leonês se apresentara, durante todo o seu reinado, também como um eficiente *rei-guerreiro*. Em nossa abordagem, trataremos de analisar as ofensivas militares cruzadísticas empreendidas por este monarca castelhano-leonês em direção ao *Magreb*, no norte da África, durante a primeira metade do seu reinado, procurando evidenciar os preparativos militares e ideológicos orquestrados por Alfonso X visando à eficiente consecução destas operações cruzadísticas.

Palavras-chave: Alfonso X, Cruzada, África.

Resumen: Alfonso X, Rey de Castilla-León (1252-1284), fuera uno de los monarcas más paradigmáticos del Occidente Medieval durante el siglo XIII. Reconocido por el epíteto el *Sabio*, por sus contemporâneos, por su vastísima producción cultural, la cual resultó en una gama de obras de naturaleza jurídica, histórica, científica, poética, artística y literaria, este monarca castellano-leonés se presentó, durante todo su reinado, también como un eficiente rey-guerrero. En nuestro enfoque, trataremos de analizar las ofensivas militares cruzadas emprendidas por este monarca castellano-leonés hacia el *Magreb*, en el norte de África, durante la primera mitad de su reinado, buscando evidenciar los preparativos militares e ideológicos orquestrados por Alfonso X para la eficiente consecución de estas operaciones cruzadas.

Palabras clave: Alfonso X, Cruzada, África.

¹ Mestre em História (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Mato Grosso (PPGHIS-UFMT). Bolsista CAPES. Integrante do *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais e do Insignia: Grupo de Estudos Históricos sobre Poder, Sagrado e Violência*. E-mail: rafaelcostaprata@hotmail.com.

Prata, Rafael Costa
As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:
breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas
pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

Introdução

Após realizar uma série de operações militares em importantes enclaves muçulmanos na *Andaluzia Bética* durante os quatro primeiros anos de seu reinado, visando ao mesmo tempo consolidar uma efetiva dominação política, militar e populacional sobre aqueles enclaves e igualmente fortalecer a fronteira disposta frente ao sultanato *nazarí* de Granada, o monarca Alfonso X desviou temporariamente o foco de suas empresas militares em direção ao plano externo do *regno* castelhano-leonês. Tratava-se de concretizar um dos desejos que certamente herdara de seu pai, o outrora monarca castelhano-leonês Fernando III (1217-1252), através do chamado *fecho de allende*.

O monarca Alfonso X prossegue então ao projeto de conquista pensado por Fernando III em relação aos territórios muçulmanos do *Magreb*, no norte da África. Apesar de ter desejado partir com as suas *hostes* em direção ao *Magreb*, o então monarca Fernando III acabara por não levar a cabo este planejamento, mas, deixara claro para os seus próximos, e mais ainda para o seu primogênito, o desejo de conquistar o eixo central do poder muçulmano na África, confidenciando assim o seu ímpeto de “para o além-mar tenho ímpeto para passar e conquistar o que nessa parte a lei mourisca tem, pois os de cá em seu poder os têm” (PCG, 1131, 1955: 770, tradução nossa).

Este projeto de conquista do *Magreb* possuía certamente um ímpeto profundamente marcado por alicerces históricos. Além do caráter puramente estratégico que poderia significar a conquista desta localidade muçulmana, a qual servia como uma natural ponte de passagem dos muçulmanos do *Magreb* para a Espanha, havia também uma motivação de base histórica que inflamava tanto o desejo de Fernando III como a prática de Alfonso X: o ímpeto de reconquista de um domínio que outrora fora também de jurisdição visigoda.

Esripturas

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

À medida que os castelhanos-leoneses se consideravam efetivos herdeiros dos antigos visigodos que ocupavam a *Hispânia*, se tornava uma natural obrigação, como parte de todo o processo de *Reconquista*, restaurar também o domínio sobre esses territórios africanos, posto que aqueles haviam pertencido aos domínios visigodos antes da derrocada do rei Rodrigo, no Guadalete, em 711 d.C. Essa memória militar serviria assim como um argumento crucial na efetivação desse *fecho de allende* levado a cabo pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X.

Além dessa motivação histórica, o monarca castelhano-leonês certamente nutria outros decisivos argumentos para justificar aquela empreitada militar em direção ao *Magreb*. Decerto, a obtenção do controle das duas pontas do Estreito se fazia fundamental, pois, significava, de um lado, tanto o fechamento a possibilidade de invasões oriundas do Norte da África, criando um cenário de ainda mais isolamento para o Sultanato *Nazarí* de Granada, como também a posse do controle comercial entre o Atlântico e o Mediterrâneo.

Como bem destacara Rodríguez García:

La campaña de África, que tuvo un carácter cruzado, se justifica en base a tres objetivos, a cual más importante: uno de carácter histórico, recuperar las antiguas tierras que habían pertenecido a la Hispania romana cristiana y al reino visigodo; otro de connotaciones geoestratégicas, controlar la zona de Estrecho para evitar el continuo traspaso de tropas musulmanas a la Península desde el continente africano; finalmente, un tercer objetivo de naturaleza ideológica, abrir una nueva vía para los cruzados penetrando por el Magreb para, desde ahí, continuar hacia Oriente a fin de liberar los Santos Lugares (RODRÍGUEZ GARCÍA, 2014: 110-111).

Esta empreitada rumo ao *Magreb* acabaria acarretando alterações nas relações político-militares dispostas pelo Reino Castelhana-Leonês frente aos enclaves muçulmanos localizados especialmente na região do Vale do Guadalete. Ao patrocinar este *fecho de allende*, o monarca Alfonso X se viu na necessidade de conquistar amplas faixas territoriais do Vale do Guadalete e da Costa Atlântica Andaluza, pois, a

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

posse de tais localidades, em especial a baía de *Cádiz*, se fazia fundamental para acessar o outro lado do estreito, em suma, a costa africana.

Os preparativos militares e ideológicos orquestrados pelo monarca Alfonso X durante o fecho de allende

Este projeto de conquista dos territórios muçulmanos no *Magreb* se tornou certamente uma das metas militares cruciais no pensamento alfonsino. Se assim não o fosse, não teria levado a cabo uma série de medidas preparatórias no plano político-militar e territorial, além de outras de cunho ideológico, como a aproximação frente ao *Papado* a fim de obter a predicação de *cruzada*, ainda nos primeiros anos de seu reinado, passando então a organizar todos os mecanismos necessários para executar com eficácia este intento.

Poucos meses após ser alçado em 1252, o monarca Alfonso X, concomitantemente as empresas militares que levava em direção aos enclaves muçulmanos da *Andaluzia Bética*, tratou então de entrar em conversações com o Papa Inocêncio IV (1243-1254) para não somente informá-lo desse plano de conquista do Norte da África, mas, sobretudo para obter da autoridade papal uma série de benefícios, em questão, a terça parte dos dízimos de todas as igrejas do reino, para que atuassem como estimulantes nesta sua empreitada militar (ALCÁNTARA VALLE, 2015: 49).

Ainda neste momento, o monarca castelhano-leonês Alfonso X patrocinou a criação de uma frota marítima permanente através da fundação das chamadas *atarazanas* de Sevilha. Esta entidade se tornaria a responsável pela construção e reparação dos navios e armas de guerra marítima que seriam utilizados pelas hostes alfonsinas nas futuras expedições rumo ao *Magreb*. Pouco após a edificação dessas *atarazanas*, se procedeu neste ambiente à composição de dez *galeras* que, perfeitamente construídas e bem abastecidas, em agosto do ano seguinte, acabariam sendo entregues aos seus respectivos *cómitres*.

Este visível impacto exercido pela *cruzada* ao *Magreb* sobre o pensamento alfonsino fora tão intenso que o monarca acabou por criar, inclusive, um novo cargo

Escripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

dentro da burocracia do reino: o de *adelantado ou almirante mayor de la mar*. Ao oficializar juridicamente a existência deste novo ofício militar, o monarca Alfonso X acabou por caracterizá-los como os responsáveis por assumirem o papel de “caudilho de todos os que partem nos navios para fazer guerra sobre o mar” (PARTIDA SEGUNDA, TÍTULO XXIV, LEI III, 1807: 259, tradução nossa).

No ano seguinte, em abril de 1254, o monarca Alfonso X, aproveitando-se da ocasião do matrimônio de sua irmã Leonor com o príncipe inglês Eduardo, tratou de acordar com o rei Henrique III um tratado no qual este último o auxiliaria em uma campanha *ad partes Africanas*, com o acordo de que dividiriam as terras que conquistassem em solo africano. O próprio monarca Alfonso X procurou descrever a natureza deste pacto anglo-castelhano efetuado:

Saibam quantos o presente escrito verem, como nós, Alfonso, pela graça de Deus, rei de Castela (...) reconhecemos que quando nosso queridíssimo parente don Henrique, pela graça de Deus, ilustre rei da Inglaterra (...) acuda em nossa companhia as partes da África com um exército de cruzados seus, tudo o quanto nós e ele obtivermos em ditas partes de bens imóveis, quer dizer, de cidades, vilas, possessões, terras e outras herdades, se divida por igual entre nós e o dito rei (ALFONSO X apud RYMER; SANDERSON, 1816: 301, tradução nossa).

Com este cenário militar e ideológico de *cruzada* construído, o monarca Alfonso X partiria então em direção ao *Magreb* para conquistar aquelas terras do “além-mar”. Em setembro de 1256, Alfonso X ordena então a dom Gonzalo Vicente, o alcaide de Sevilha, que tratasse de aglomerar “os cavaleiros de sua mesnada e a de seu pai, e os infantes seus irmãos, pois havia mandado chamar para a guerra que havia de fazer aos mouros” (ORTIZ DE ZUNIGA, 1795: 219, tradução nossa).

Antes de partir em direção ao *Magreb*, o monarca Alfonso X ao realizar uma visita a *Alicante* em janeiro de 1257, acabou por conceder a esta localidade uma série de privilégios, ratificando os critérios da repartição que havia feito entre os povoadores cristãos daquela localidade. Nesta ocasião, como nos indica uma de suas cartas de privilégios, o monarca tratou de caracteriza-la como um território que poderia ajudar consideravelmente “no feito de além-mar contra as gentes pagãs”

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

(PRIVILEGIO DEL REY D.ALFONSO X apud MEMORIAL HISTORICO, 1851: 135, tradução nossa).

Logo em seguida, ainda neste privilégio, o monarca Alfonso X procura informar que a sua visita a Alicante também ocorrera porque havia enviado homens daquela localidade para “receber o castelo de *Tagunt*, no além-mar”. A conquista deste castelo de *Tagunt* se apresenta então como a primeira conquista alfonsina em seu *fecho de allende*.

A cruzada efetuada em direção à cidade portuária de Salé no ano 1260:

Três anos depois a esta conquista da fortaleza de *Tagunt*, o monarca Alfonso X tratou de direcionar as suas ações militares *cruzadísticas* em direção a uma empreitada ainda maior: a cidade portuária de *Salé*. Com este propósito, abriu conversações com o Papa Alexandre IV, em abril de 1260, o qual acabou por fornecer a sua ajuda ao designar ao bispo de Segóvia que predicasse em solo ibérico a *cruzada* contra “os sarracenos da África contra os quais o rei pretende proceder” (ALEXANDRE IV apud VILLAR GARCÍA, 1990: 284, tradução nossa).

A fim de arregimentar ainda mais tropas militares para essa empresa em direção a *Salé*, o monarca Alfonso X abriu então conversações com o seu sogro, Jaime I de Aragão, ainda durante o mês de abril de 1260, a fim de obter o auxílio militar deste em seu *fecho de allende*. Em uma das cartas trocadas, o monarca aragonês consentiu aos vassallos de seu reino que participassem dessa *cruzada* alfonsina, contudo, eximindo-se das operações que porventura os levassem a agredir militarmente o sultão de *Túnez*, com quem nutria relações de amizade, e certamente porque possuía interesses de expansão territorial sobre aquele território africano.

O teor desta resposta não satisfaz o monarca castelhano-leonês, uma vez que não tinha porque nutrir amistosidade perante o reino de *Túnez*, uma localidade que certamente interferia no pensamento dos muçulmanos residentes em solo espanhol, estimulando-os a se voltarem contra Castela-Leão, e igualmente porque havia recebido a seu irmão, o infante Don Enrique, quando após este entrar em conflito com o monarca, partira para o seu exílio.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

O monarca Alfonso X ainda tentou convencê-lo novamente sobre a necessidade de se utilizar as forças conjuntas no *fecho de la cruzada* sem qualquer tipo de restrição. Desejava, inclusive, que o próprio monarca aragonês se unisse com as suas hostes nesta ofensiva militar “porque queremos que em tal feito como aquele, que você tenha parte” (CARTA DEL REY D. ALONSO X A D. JAYME DE ARAGON apud MEMORIAL HISTÓRICO ESPAÑOL, 1851: 156-157, tradução nossa). Todavia, o monarca Jaime I de Aragão se manteve fiel a sua aliança ao rei de Túnez, respondendo então a Alfonso X que não poderia aceitar aquela proposta porque nutria *tréguas* perante o Reino de Túnez.

Neste momento, o monarca Alfonso X já não escondia mais o seu “grande desejo de levar adiante o fecho da *cruzada* do além-mar a serviço de Deus e exaltação da Cristandade, e a pró dos nossos e de nosso *Senhorio*” (PRIVILEGIO DEL REY D. ALFONSO apud MEMORIAL HISTÓRICO ESPAÑOL, 1851: 164, tradução nossa).

Uma última medida preparatória foi tomada nos últimos meses de 1260, quando o monarca Alfonso X transformou a região portuária do *Alcanate*, na baía de *Cádiz*, a qual se encontrava povoada pelos muçulmanos das comarcas de *Jerez*, em uma base naval sob o nome de *Porto de Santa Maria*. Esta região se tornaria crucial “para guardar os cristãos dos mouros e ser ponto para guerrear contra os mouros da Espanha e os africanos” (CSM 385 apud CANTIGAS DE SANTA MARIA, 2008: 806-807, tradução nossa).

A essa altura, o monarca castelhano-leonês não mais escondia esse seu intento de *cruzada* em direção ao Magreb, revelando esse seu desejo, além das cartas e dos privilégios, nas suas *Cantigas de Santa Maria*. Em uma dessas cantigas, o monarca Alfonso X endereça uma *petição* a Santa Maria, para que aquela o ajudasse “contra os mouros que terra de além-mar possui, e em Espanha grande parte, em meu pesar, dá-me poder e força para os dali expulsar” (CSM 385 apud CANTIGAS DE SANTA MARIA, 2008: 837, tradução nossa).

Após a realização destes preparativos militares e ideológicos, o monarca castelhano-leonês lançou-se então com as suas *hostes* com destino a cidade portuária

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

de *Salé*, na costa do Marrocos, tendo partido do *Porto de Santa Maria* com uma frota formada por trinta e sete embarcações.

A *Crônica de Alfonso X* nos apresenta uma versão bastante simplista e profundamente resumida deste acontecimento militar no Magreb. Segundo esta, o monarca castelhano-leonês passou a nutrir o desejo de conquista de *Salé* após ter sido noticiado que aquela vila, a qual era “porto de além-mar”, se encontrava desamparada, pois, as suas portas não se encontravam guardadas nem de dia nem de noite (CAX, Cap XIX, 2005: 41).

No comando desta frota encaminhada a *Salé*, se encontravam os aristocratas Juan García de Villamayor, o qual havia sido recentemente nomeado como *adelantado mayor de la mar*, e Pedro Martínez de Fe. É possível que nessa ocasião, o primeiro tenha atuado como uma espécie de comandante em chefe das *hostes* que compunham aquela frota, sendo então o responsável pelas operações militares que seriam efetuadas após a chegada naquela localidade, e o segundo, por ser apresentar um *merino* bastante experimentado, o responsável por conduzir aquela frota castelhano-leonesa a *Salé*.

Ao chegarem a *Salé*, vislumbraram a localidade plenamente desprotegida, de maneira tal que se apoderaram rapidamente da vila, matando e cativando uma grande quantidade de muçulmanos que habitavam aquele recinto. Em meio a estes eventos, os castelhano-leoneses não se escusavam de “tomar o que quisessem em muitas mercadorias, e ouro, e prata, e outras coisas de muito grande valor, colocando-as em suas naves e gáleas” (CAX, Cap XIX, 2005: 41, tradução nossa).

Após serem informados que os muçulmanos vizinhos a *Salé* se encontravam recrutando *hostes* para a defesa daquela localidade, os castelhano-leoneses se retiraram então de *Salé*, levando consigo, para Sevilha, uma grande quantidade de muçulmanos cativos e as riquezas obtidas em meio aos botins.

O cronista muçulmano *Ibn Idari* nos apresenta uma versão mais completa, e porque não dizer mais complexa e coerente com o cenário político-militar e territorial vigente no norte da África, em seu *Al-bayān Al-mughrib*. Conforme a descrição efetuada por este cronista muçulmano, podemos observar que a região africana do

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

Magreb se encontrava em um clima político-militar profundamente conturbado, no qual se vislumbrava uma polarização de forças entre os *benimerines* e os almóadas.

Ibn Idari nos relata então que o *emir* benimerine Abu Yusuf havia acabado de tomar o controle de Rabat, enquanto que o seu sobrinho, Abd Allah, se encontrava no controle da localidade de Salé. A chegada das hostes castelhano-leonesas teria sido resultado do ímpeto de Abd Allah em fazer da região de Salé, uma localidade independente, sob a proteção castelhano-leonesa, frente aos domínios benimerines chefiados por Abu Yusuf. Foi com este propósito em mente, que Abd Allah “escreveu ao Rei de Castela para que lhe enviasse duzentos cristãos para que cavalgassem com ele e para que os apoiasse naquilo que queria” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 260, tradução nossa).

Ao receber a carta de Abd Allah, o monarca Alfonso X passou a nutrir então o “desejo de colocar os seus infiéis nela para que a conquistassem e se ocupou em equipar os navios no rio de Sevilha” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 261, tradução nossa). Apesar dos muçulmanos da costa mediterrânea desconhecerem o local de destino daquela frota castelhano-leonesa, trataram de avisar aos muçulmanos do Magreb da possibilidade de chegada de hostes inimigas, o que levou a uma parte da população de Salé a abandonarem a cidade, por questões de segurança, em detrimento de outra parcela que decidira permanecer naquela localidade.

Poucos meses depois, no dia 10 de setembro de 1260, no último dia do jejum do Ramadã, enquanto a população local se encontrava em meio a essa festividade religiosa, chegaram a Salé as trinta e sete embarcações castelhano-leonesas, de onde “saltaram os infiéis dos navios e os muçulmanos os contemplavam com seus olhos até que se alinharam em filas e se reuniram em grupos, todos recobertos com couraças, enquanto que os muçulmanos estavam congregados sem armas e couraças, rendidos ao destino, mantidos em fila atrás de fila” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 262, tradução nossa).

Seguiu-se então a entrada das hostes castelhano-leonesas em Salé, após saquearem a cidade, matarem e cativarem muitos daqueles muçulmanos que habitavam a localidade e que de alguma forma procuravam defendê-la. Do seu

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

alcázar, o governante de Salé, Abd Allah, contemplava com desespero aquela “traição” cometida pelos castelhano-leoneses, e a subsequente devastação empreendida por estes aos povoadores da localidade sob a sua jurisdição.

Pouco após a entrada dos castelhano-leoneses em Salé, os muçulmanos enviaram um mensageiro em direção ao emir Abu Yusuf, o qual se encontrava em Rabat, para informá-lo deste ocorrido. Ao chegar ao emir do Marrocos, Abu Yusuf, a notícia da conquista de Salé pelas *hostes* castelhano-leonesas, aquele prontamente “acorreu com as suas tropas até ela e sitiou aos cristãos nela com o maior assédio” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 267, tradução nossa). Após treze dias de combate, os castelhano-leoneses abandonaram Salé fazendo “subir a seus navios os cativos muçulmanos e o que encontravam na cidade de objetos e riquezas” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 267, tradução nossa).

O significado deste acontecimento militar ocorrido em Salé no pensamento alfonsino tem sido profundamente debatido por uma gama de estudiosos. Alguns medievalistas, como González Jiménez, tem defendido em seus estudos que Alfonso X considerou o resultado dessa expedição um rotundo fracasso,² enquanto que outros, como Ayala Martínez, têm procurado defender precisamente uma concepção oposta, ou seja, que a expedição não terminou em fracasso, pois, atendera precisamente aos objetivos pensados pelo monarca castelhano-leonês.

As raízes de tais concepções se encontram plenamente inseridas nos documentos citados que nos fornecem as informações sobre este acontecimento militar. Conforme Ibn Idari, o monarca Alfonso X teria ficado tão furioso com o resultado da expedição que acabou jurando que castigaria aos homens daquelas *hostes*, especialmente, ao comandante em chefe da expedição, don Juan Garcia de Villamayor. (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 270). Em contrapartida, a

² Ao analisar os resultados desta expedição, o medievalista González Jiménez chegou a seguinte conclusão: “Sólo el deseo de obtener una fácil ganancia explicaría esta extraña expedición. Por ello, si hemos de dar crédito a lo que nos cuenta Ibn Idari, estubo más que justificado el enojo de Alfonso X al conocer la noticia. Ello explicaría tal vez la caída en desgracia de su almirante y amigo don Juan García de Villamayor, que nunca más volvería a ostentar cargo alguno en la corte. Más aún, durante algún tiempo su nombre dejó de figurar entre los confinmantés de los privilegios rodados, señal evidente de que el almirante, por las razones que fuese, no se atuvo a las órdenes recibidas, incumpliendo así el plan previsto”. GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. **Alfonso X el Sabio**. Barcelona: Ariel, 2004, p.140.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

Crônica de Alfonso X se preocupa em apenas nos informar que o monarca se alegrou muitíssimo com o resultado da expedição (CAX, cap XIX, 2005: 42).

Para nós, a segunda concepção se apresenta como a mais coerente com a realidade dos fatos. Ao analisarmos os eventos precedentes, observaremos, por exemplo, como o comandante em chefe desta expedição em Salé, don Juan Garcia de Villamayor, continuou a nutrir grande consideração dentro do pensamento alfonsino, sendo, inclusive, um dos embaixadores enviados pelo monarca Alfonso X para resolver assuntos pendentes diante do reino português em 1263.

Além do mais, se observarmos as informações fornecidas pelas *Cantigas de Santa Maria* sobre estes acontecimentos, seguramente chegaremos a esta percepção. Em uma dessas cantigas, o próprio monarca Alfonso X cantaria com enorme regozijo que a sua frota havia “destruído Salé toda, grande vila e muito honrada” (CSM 328 apud CANTIGAS DE SANTA MARIA, 2008: 692, tradução nossa).

Acreditamos, portanto, que o monarca Alfonso X não nutria o propósito de conquistar a localidade de Salé para fazer dela, um ponto de partida para a sua tomada do Magreb. Parece-nos mais crível que este assalto realizado sob Salé deve ser compreendido como o resultado de uma expedição militar marítima, cujo objetivo, por certo, fora o de testificar a capacidade castelhano-leonesa para efetuar poderosas ações militares marítimas em localidades distantes de suas fronteiras.

Tão satisfeito se encontrou o monarca com esta primeira expedição marítima realizada em direção ao Magreb que continuaria o seu *fecho de allende* nos anos seguintes. Com esse intuito, o monarca Alfonso X tratou de convocar as *Cortes* de Sevilha em janeiro de 1261 para tratar daquele “feito da África que começamos” (CORTES DE SEVILHA DE 1261 apud GONZÁLEZ JIMÉNEZ, 1998: 301, tradução nossa). Nesta ocasião, pedira aos ricos homens e outras dignidades do reino que lhe prestassem um serviço de natureza extraordinária que seria voltado a continuidade dessas operações militares no norte da África.

Diante dos “ricos homens e fidalgos e homens bons de Castela e de Leão e todos os outros de nossos reinos e de nosso senhorio” (CORTES DE SEVILHA DE 1261 apud GONZÁLEZ JIMÉNEZ, 1998: 301, tradução nossa) que compareceram a Sevilha,

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

o monarca Alfonso X certamente revelou-lhes o propósito de dar continuidade ao *fecho de allende* para, em seguida, pedir-lhes uma contribuição financeira e militar voltada a este propósito. Apesar das atas deste concílio não nos revelarem precisamente os termos financeiros deste pedido alfonsino, inferimos que o suporte financeiro oferecido pelas dignidades do *regno* certamente foram de grande quantidade, uma vez que, após a realização destas *Cortes* em Sevilha, o monarca orquestrou rapidamente uma dupla campanha militar em direção a dois territórios profundamente estratégicos, *Jerez* e o Reino de *Niebla*, para os seus propósitos de consolidação territorial da *Andaluzia Bética* e igualmente do *fecho de allende*.

As conquistas dos territórios de *Jerez de la frontera* e de *Niebla* e as suas importâncias dentro do *fecho de allende*:

Decidido a “servir a Deus fazendo mal e dano aos mouros” (CAX, cap IV, 2005: 12), o monarca castelhano-leonês partiu com as suas hostes em direção a *Jerez* a fim de conquistar aquela localidade. Por meio da efetivação de um cerco, o qual durara um mês, o monarca conseguira conquistar *Jerez*, uma vez que os povoadores muçulmanos daquela localidade por desejarem a continuidade de residência naquele território, com a posse de seus bens, enviaram então ao monarca o pedido para que os deixassem continuar naquele território, e em troca lhes entregariam o *alcázar*, se comprometendo também a pagar anualmente um tributo que antes concediam ao seu senhor muçulmano (CAX, cap IV, 2005: 12).

O monarca por compreender que a conquista daquela vila poderia demandar mais tempo e igualmente que não possuía povoadores cristãos para habitar rapidamente aquela vila de tão grandes dimensões, uma vez que a própria cidade de Sevilha ainda não era bem povoada, decidira aceitar este pleito. Após esta aquisição, Alfonso X entregou a posse desse *alcázar* de *Jerez* ao aristocrata castelhano-leonês don Nuno Gonzales de Lara, que passaria então a exercer jurisdição frente a esta localidade fronteiriça e sobre todos os *mudéjares* residentes nesta localidade.

O cronista muçulmano Ibn Idari também relata rapidamente este acontecimento em seu *Al-bayān Al-mughrib* ao mencionar que “se cumpriu o decreto

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

de Deus com os jerezianos, ao entrar os cristãos em seu alcázar, por acordo com eles, de modo que se estabelecessem e se instalassem nela” (IBN IDARI apud HUICI MIRANDA, 1954: 275).

Esta campanha militar realizada sobre Jerez em 1261 “significó la entrada de Jerez y de toda la comarca del Guadalete, com la excepción de Arcos que desde 1253 estaba en poder castellano, en una suerte de protectorado, con la entrega del control sobre todas las fortalezas de la zona” (GONZÁLEZ JIMÉNEZ, 2004: 142).

Por certo:

Alfonso X puso sitio a Jerez en 1261 con la intención de conquistarla y repoblarla. Pero ante el ofrecimiento por parte de los jerezanos de una capitulación, semejante a la que estaba en vigor en otras muchas partes de Andalucía, que les permitiese permanecer en la ciudad y conservar sus propiedades, previa entrega del alcázar y la salida del *señor* o régulo de Jerez, llamado Abén Habit, el rey accedió a ello. La solución era ventajosa para ambas partes, sobre todo para el monarca castellano que incrementaba de manera sustancial sus ingresos mediante la permanencia, sometida al pago de tributo, de la mayor parte de la población jerezana al tiempo que conseguía el control militar del territorio mediante la ocupación de todas las fortalezas (GONZÁLEZ JIMÉNEZ, 2004: 143).

A consequência mais imediata da tomada de controle militar desta franja do Guadalete foi o aumento da presença castelhano-leonesa em toda a região da baía de Cádiz e igualmente na antiga *alquería* jereziana *Alcanate*, convertida por Alfonso X, desde os finais de 1260, no estratégico *Porto de Santa Maria*.

Seguiu-se então um subsequente processo de repovoamento de toda a *baía gaditana*, com a chegada de uma grande massa de povoadores cristãos que converteriam aquela localidade em uma proeminente região portuária que satisfaria plenamente aos interesses de consolidação territorial da *Andaluzia Bética* como também, especialmente, o *fecho de allende*. Além da chegada de uma massa de povoadores civis para aquela região *gaditana* – camponeses, homens, mulheres, crianças e idosos -, efetuou-se também o traslado de um número bastante significativo de aristocratas que, na posse de senhorios naquela localidade, passariam a defender militarmente aquela região e igualmente a se apresentarem como o aporte

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

militar que engendraria as frotas marítimas do *regno* nas incursões em direção ao Magreb.

O Papa Urbano IV (1261-1264) em uma de suas bulas papais, datada de outubro de 1263, chegou a mencionar precisamente esta potencialidade nutrida pela *baía gaditana* ao mencionar que se esta região fosse repovoada de “abundantes povoadores cristãos”, se converteria naturalmente no mais eficiente porto de entrada e saída em direção à África (ELECTIONEM SCPULTURAE IN ECCLESIA S. CRUCIS GADICENSIS apud GUIRAUD, 1901: 164, tradução nossa).

Pouco tempo após a esta conquista de *Jerez*, o monarca Alfonso X se pôs a “trabalhar a serviço de Deus e do crescimento da fé”, partindo então com as suas *hostes* em direção ao pequeno Reino de Niebla. (CAX, cap VI, 2005: 15, tradução nossa).

Com o propósito de conquistar o coração do Algarve, o monarca Alfonso X se lançou então em direção à conquista definitiva do reino taifa de Niebla, um enclave profundamente estratégico em relação aos seus propósitos especificamente em relação ao Algarve e, num plano maior, em direção à consolidação territorial dos domínios na *Andaluzia Bética* e também frente à cruzada ao *Magreb*.

Iniciou-se então, nos últimos meses de 1261, um poderoso cerco sobre este pequeno reino taifa de Niebla, sendo largamente utilizada neste empenho uma gama de engenhos que auxiliariam na agressão, posto que “naquele tempo a vila era muito fortalecida e bem cercada de bons muros e boas torres lavradas de pedra, e igualmente estava ali aquele rei Ibn Mahfut, que tinha aquela vila bem abastecida de muitas boas viandas e de uma boa quantidade de pessoas” (CAX, cap VI, 2005: 15, tradução nossa).

Por não aguentar mais a pressão daquele agressivo cerco, os povoadores de Niebla acabaram então capitulando aos finais de fevereiro de 1262, tendo o senhor Ibn Mahfut que entregar então “a vila de Niebla e a terra do Algarve” (CAX, cap VI, 2005: 16, tradução nossa). Ciente da política alfonsina em relação aos *mudéjares* que acabava por quase sempre orientar a saída forçosa dos muçulmanos desses territórios, e mais ainda dos propósitos alfonsinos em relação a aquela localidade

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

encravada no Algarve, o senhor muçulmano daquelas terras, Ibn Mahfut pedira, durante os transmissões da capitulação, para que o monarca Alfonso X permitisse a saída dele e dos habitantes de *Niebla* portando as suas posses para que fossem alojados em um local indicado pelo monarca para que vivessem dali em diante.

Com esta conquista de Niebla, o monarca Alfonso X “recuperou por tudo isso, o Algarve, que se refere à vila de Niebla com seus términos, e Gibraleón e Huelva, e Serpia e Mora e Alcantyn e Castro Maryn e Taura e Faro e Laule” (CAX, cap VI, 2005: 16, tradução nossa).

A eliminação do reino *taifa* de Niebla significava assim a plena posse de um enclave territorial bastante próximo a Sevilha, de enorme valor estratégico por se encontrar localizado entre os vales do Guadalquivir e do Guadiana, o qual servia como ponte de conexão com todo o território do Algarve que se encontrava em disputa frente aos portugueses.

Tão logo conquistou definitivamente a região de Niebla, o monarca Alfonso X tratou então de rapidamente conceder aos povoadores cristãos da localidade, o código jurídico *Fuero Real*, a fim de que esta localidade rapidamente se organizasse e se estruturasse em todas as suas instâncias. Ao realizar esta operação, o monarca não deixou de manifestar a sua satisfação, haja vista que nutria “muito grande desejo de povoar bem e de melhorar a vila de Niebla porque é a primeira [cidade] que ganhamos depois que reinamos, sobre a qual chegamos com nosso corpo e expulsamos os mouros e povoamo-la de cristãos” (PRIVILEGIO DEL REY D. ALFONSO X CONCEDIENDO Á LA VILLA DE NIEBLA EL FUERO REAL apud MEMORIAL HISTORICO, 1851: 202, tradução nossa).

Em meio a esses acontecimentos relativos ao Algarve e ao Reino de Niebla, o monarca Alfonso X recebera uma mensagem por parte de Ibn Al-Ahmar, o sultão *nazarí* de Granada, na qual o granadino o estimulava a retornar ao seu *fecho de allende*, através da posta em prática de uma ofensiva militar marítima em direção a *Ceuta*, um território muçulmano localizado na margem africana do estreito de Gibraltar.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

Para levar a cabo esta ofensiva militar contra Ceuta, o monarca Alfonso X determinou como fatores condicionantes ao sultão nazarí de Granada, Ibn Al-Ahmar, a pronta entrega dos Portos de Tarifa e de Algeciras.

A aceitação desta contraproposta por parte do sultão *nazarí* granadino certamente representaria uma enorme conquista para o monarca castelhano-leonês, e igualmente uma incomensurável derrota para o granadino, posto que se assumiria como um reconhecido erro estratégico ao passo que os encerraria em sua franja territorial, impedindo-lhes qualquer possibilidade de contato com os muçulmanos do "além-mar", cenário que se apresentaria catastrófico para a manutenção das possibilidades de defesa nutridas pelo Sultanato *nazarí* de Granada, posto que o colocaria em uma situação de isolamento geográfico e militar frente ao regno castelhano-leonês.

O sultão *nazarí* granadino, em resposta, prometeu-lhe a pronta entrega dos portos de Tarifa e de Algeciras dentro do prazo de um mês. Apesar desta promessa, o sultão granadino não entregou os portos requisitados, pois, os seus conselheiros o recomendaram a não entregar porque compreendiam o profundo erro estratégico que significariam tais entregas dos Portos de Tarifa e de Algeciras.

Não havia tempo a perder. Com esta constatação em mente, o sultão nazarí de Granada, Ibn Al-Ahmar, tratou de enviar secretamente mensageiros em direção a Aben Yusuf, o emir do Marrocos, a partir dos meses finais de 1263, a fim de que aquele lhe enviasse rapidamente contingentes militares para atuarem na empresa que protagonizaria.

Iniciam-se então as chamadas *revoltas mudéjares*, uma série de conflitos político-militares envolvendo o reino castelhano-leonês e os mudéjares da Andaluzia liderados pelo sultão nazarí de Granada, pondo fim, a partir de 1264, as operações militares cruzadísticas em direção ao Magreb, orquestradas pelo monarca Alfonso X.

Considerações Finais:

Não restam dúvidas que a operacionalização das *cruzadas ad partes Africanas* se constituiu como um dos grandes propósitos político-militares e territoriais nutridos

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X. Em nossa abordagem, evidenciamos como desde o seu primeiro ano de reinado, este monarca iniciara uma série de preparativos militares e ideológicos voltados à realização destas operações militares em direção ao *Magreb*, no norte da África.

Contando com o fundamental apoio do *Papado* em inúmeras ocasiões, e de importantes lideranças como o monarca aragonês Jaime I e o monarca britânico Henrique III, os quais acudiram em ocasiões com as suas tropas particulares, o monarca Alfonso X se lançou assim em direção ao *Magreb*, tendo sido a ofensiva militar em direção à cidade portuária de Salé, o grande símbolo do movimento cruzadístico encabeçado por este monarca castelhano-leonês.

Apesar de se apresentar como um grande projeto alfonsino, o monarca castelhano-leonês teve de abandonar esse seu propósito em definitivo, por conta da emergência de uma série de graves problemas político-militares e territoriais de ordem interna do *regno*. Por conta precisamente das chamadas *revoltas mudéjares*, ocorridas entre 1264-1267, e das *rebeliões aristocráticas*, ambientadas a partir de 1272, o projeto de conquista do *Magreb* acabou se tornando um propósito a ser forçosamente esquecido por Alfonso X.

Fontes consultadas:

ALFONSO X EL SABIO (1221-1284). CANTIGAS DE SANTA MARÍA. Biblioteca Virtual Katharsis, 2008, p.806-807. Disponível para consulta em: http://revistaliterariakatharsis.org/Alfonso_cantigas2.pdf

AL-BAYĀN AL-MUGHRIB FĪ ĀKHBĀR MULŪK AL-ANDALUS WA'L-MAGHRIB In: HUICI MIRANDA, Ambrosio. Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista. Los Almohades. Tomo I, Vol.2, Tetuán: Editorial Marroquí, 1953.

CRÓNICA DE ALFONSO X, atribuída a Fernán Sánchez de Valladolid [basada en el manuscrito 829 da Biblioteca Nacional] / edición de José Luis Villacañas Berlanga para la Biblioteca Saavedra Fajardo. Biblioteca Saavedra Fajardo: Murcia, 2005.

LAS SIETE PARTIDAS DEL REY DON ALFONSO EL SABIO, cotejadas con varios codices antiguos por la Real Academia de la Historia. Tomo II. Madrid: En la Imprenta Real, 1807.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Prata, Rafael Costa

As Cruzadas alfonsinas *ad partes africanas*:

breves apontamentos acerca das operações militares cruzadísticas empreendidas pelo monarca castelhano-leonês Alfonso X (1252-1284) em direção ao norte da África

MEMORIAL HISTÓRICO ESPAÑOL: COLECCIÓN DE DOCUMENTOS, OPÚSCULOS Y ANTIGÜEDADES QUE PUBLICA LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA, tomo I, Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851.

PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA QUE MANDÓ COMPONER ALFONSO X EL SABIO Y SE CONTINUABA BAJO SANCHO IV EN 1289. Ed. Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Bailly-Bailliere é Hijos, 1955.

Referências Bibliográficas:

ALCÁNTARA VALLE, José María. La Guerra y la paz en la frontera de Granada durante el reinado de Alfonso X. **HID 42**, 2015, p.11-58.

AYALA MARTÍNEZ, Carlos de. **Directrices Fundamentales de la Política Peninsular de Alfonso X**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1986.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. **Alfonso X el Sabio**. Barcelona: Ariel, 2004.

_____. *Una noble çibdat e bona*: fundación y poblamiento de El Gran Puerto de Santa María por Alfonso X El Sabio, **Alcanate. Revista de Estudios Alfonsíes**, v.1, El Puerto de Santa María, 1999, p.19-28.

GUIRAUD, Jean. **Les registres d'Urbain IV (1261-1264): recueil des bulles de ce pape publiées ou analysées d'après les manuscrits originaux du Vatican**. Tome deuxième. Paris: Ancienne Librairie Thorin e Fils Albert Fontemoing, 1901.

ORTIZ DE ZUNIGA, Diego. **Anales eclesiásticos y seculares de la muy noble y muy leal ciudad de Sevilla, metrópoli de la Andalucía, que contienen sus mas principales memorias desde el año de 1246, en que emprendió conquistarla del poder de los Moros el gloriosísimo Rey S. Fernando III de Castilla y Leon, hasta el de 1671 en que la Católica Iglesia le concedió el culto y titulo de Bienaventurado**. Tomo I. Madrid: en la imprenta real, 1795.

RODRÍGUEZ GARCÍA, José Manuel. **Ideología cruzada en el siglo XIII. Uma visión desde la Castilla de Alfonso X**. El puerto de Santa Maria: Cátedra Alfonso X el Sabio/Universidad de Sevilha, 2014.

RYMER, Thomas; SANDERSON, Robert. **Fœdera: conventions, literæ, et cujuscunque generis acta publica, inter reges Angliæ, et alios quosvis Imperatores, Regis, Pontifices, Principes, vel communitates...Vol.1. Pars.1**. Londini: Per J. Tonson, 1816.

VILLAR GARCÍA, Luís Miguel. **Documentación Medieval de la Catedral de Segovia (1115-1300)**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1990.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 75-92, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com